



O planejamento de cobertura na construção do acontecimento esportivo^{1 2}

Cicélia Pincer Batista³

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

O planejamento de cobertura consiste num processo de organização que envolve tanto os recursos técnicos e materiais quanto os critérios profissionais de noticiabilidade que nortearão a produção jornalística. A partir de uma análise do planejamento de quatro veículos jornalísticos brasileiros para a cobertura dos Jogos Panamericanos de 2007, busca-se, neste texto, analisar a relação entre esse processo de organização e a produção da notícia, a partir do pressuposto de que ele se torna um elemento fundamental na construção do acontecimento esportivo.

Palavras-chave

Jornalismo esportivo; planejamento de cobertura; acontecimento jornalístico

Introdução:

Antes mesmo de sua realização, no período de 13 a 29 de julho de 2007, os Jogos Panamericanos do Rio de Janeiro (Pan 2007) mobilizavam a produção de notícias por parte da mídia brasileira, a qual abordava não somente os preparativos de atletas e organizadores, mas também os procedimentos e atividades que constituíam o planejamento da cobertura a ser feita durante o evento integravam a pauta de muitos dos grandes veículos jornalísticos do País.

Essa inserção da organização e planejamento de cobertura na agenda de temas noticiáveis, numa espécie de meta-discurso jornalístico, parece-nos indicar a sua importância no processo de produção da notícia. Trabalha-se, assim, com a hipótese de que o planejamento de cobertura - e seu agendamento noticioso - torna-se uma estratégia de construção do próprio acontecimento jornalístico, especialmente quando se trata da cobertura de eventos previamente programados, como é comum no jornalismo esportivo.

¹ Trabalho apresentado na NP Comunicação Científica, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Uma versão mais ampliada desse texto, intitulada “*O papel do planejamento de cobertura na produção da notícia*”, foi apresentada na 8ª Conferência Mundial de Economia e Gestão dos Media, realizada de 18 a 22 de maio de 2008, em Lisboa, Portugal.

³ Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia e professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.



O planejamento de cobertura consiste num processo de organização que envolve tanto os recursos técnicos e materiais quanto os critérios profissionais de noticiabilidade que nortearão a produção jornalística. Pressupõe, portanto, uma interação entre a base tecnológica e os recursos financeiros disponíveis à organização jornalística, a linha editorial do veículo – que, por sua vez, orienta desde o enquadramento até a hierarquia de informações e de fontes –, o conhecimento e preparação dos profissionais a participarem direta e indiretamente na cobertura, e os demais atores sociais envolvidos no acontecimento.

Entende-se, assim, que esse processo de organização estabelece condições fundamentais para a produção da notícia, a qual é resultante de uma série de negociações entre os vários agentes sociais nela implicados. Com o intuito de levantar apontamentos para discutir as relações entre o planejamento de cobertura e a construção do acontecimento jornalístico, considera-se, no presente texto, a preparação de quatro veículos de comunicação brasileiros para a cobertura do Pan 2007.

Versão continental das Olimpíadas, às quais antecedem em um ano, o jogos Panamericanos (Pan) são realizados de quatro em quatro anos com o objetivo de promover os esportes amadores nas três Américas e no Caribe, além de contribuir para a sua integração. A 15ª edição dos Jogos, sediada na cidade do Rio de Janeiro, reuniu cerca de 5.500 atletas de 42 países, na disputa de 28 modalidades esportivas. De acordo com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e o Co-Rio - comitê organizador do evento-, mais de 46 mil pessoas estiveram envolvidas na organização dos jogos⁴.

Como mencionado anteriormente, os jogos tiveram uma intensa inserção prévia na pauta do jornalismo brasileiro: os problemas com o orçamento previsto – de aproximadamente R\$ 409 milhões em 2002, quando o Brasil conquistou o direito de sediar os jogos, para R\$ R\$3,2 bilhões no início de 2007 -; o atraso nas obras de construção da Vila Olímpica e de reforma e adequação das instalações esportivas já existentes; dúvidas sobre a capacidade de organização dos promotores do evento; e os já conhecidos problemas de segurança que assolam a cidade do Rio de Janeiro, foram alguns dos principais eixos temáticos que nortearam a cobertura jornalística brasileira ao Pan, no período que o antecedeu.

Simultaneamente a essa tematização prévia, os grandes veículos de comunicação nacionais se mobilizaram na organização e planejamento da cobertura a

⁴ Informações constantes no sítio oficial dos jogos. Disponível em <http://www.rio2007.org.br>. Acessado em 15/06/2007.



ser feita durante a realização dos jogos. Para a discussão proposta neste texto foram considerados os processos de preparação de quatro veículos, a saber: a rede Globo de Televisão, líder em audiência no País e com intensos investimentos tecnológicos e em produção jornalística; o portal de internet Universo On Line (UOL), um dos portais brasileiros de maior acesso e com ampla cobertura jornalística e esportiva; a Rádio Eldorado AM, uma das mais tradicionais emissoras radiofônicas na cobertura jornalística esportiva; e o jornal Lance!, maior diário esportivo brasileiro⁵.

Ao analisar a importância da rotina, como mecanismo de controle e profissionalismo, na produção da notícia, Blumer e Gurevitch, citados por Traquina (2001, p. 74), destacam a natureza bifacetada do trabalho jornalístico, ressaltando a “tensão constante entre o caos e a ordem, a incerteza e a rotina, a criatividade e o constrangimento, a liberdade e o controle”. Dessa tensão decorreria, para os autores, a definição de um padrão que orienta todas as etapas e processos implicados na produção da notícia e que expressa a necessidade de convenções bem estabelecidas - como a instituição de uma rotina fortemente organizada, a obrigação de respeitar normas estabelecidas externamente, o trabalho de promoção e hierarquização das fontes, os critérios ligados às narrativas específicas de cada meio/tecnologia de comunicação, dentre outros – como condição essencial do fazer jornalístico.

O estudo deste padrão pode propiciar ainda um melhor entendimento do processo de construção do acontecimento jornalístico, principalmente quando se o considera como constitutivo da produção da notícia:

A diferenciação estabelecida entre acontecimento (fenômeno de percepção do sistema) e notícia (fenômeno de geração do sistema), pontua a diferença existente entre a realidade social, conjunto de relações e fenômenos, e o acontecimento-notícia, enquanto produção de sentido efetuado pelos procedimentos técnicos que constituem a atividade jornalística. (GADINI, 1994, p. 34)

⁵ As informações sobre a preparação destes quatro veículos para a cobertura dos Jogos Panamericanos integram o Trabalho de Graduação Interdisciplinar “Maratona da Imprensa – A mídia por trás do Pan”, um documentário jornalístico em rádio produzido pelos alunos Caroline Tamassia, Fernanda Sampaio, Henrique Carvalho e Tatianne de Souza, do Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, no primeiro semestre de 2007, sob a minha orientação. O recurso metodológico utilizado para a obtenção das informações foi a realização de entrevistas não diretivas com os editores de esporte e repórteres dos veículos selecionados e com alguns outros jornalistas com larga experiência na cobertura esportiva. Cf. Tamassia et al. (2007). *Maratona da Imprensa – A mídia por trás do Pan* – Relatório de Trabalho de Graduação Interdisciplinar. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.



Nesse sentido, e ainda de acordo com GADINI (1994), o acontecimento é potencialmente uma geração do sistema; uma referência a partir da qual podem-se estabelecer variadas relações e efeitos de realidade. Tal perspectiva parece ser especialmente relevante no caso de eventos previamente programados, em que a empresa jornalística tenta planejar o futuro “através do serviço de agenda que elabora a lista de acontecimentos previstos, permitindo assim a organização do seu próprio trabalho com certa antecedência.” (TRAQUINA, 2001, p. 63).

O planejamento de cobertura na construção do acontecimento

Sabe-se que a produção da notícia resulta de processos complexos de interação entre diversos atores sociais cujos papéis encontram-se institucionalizados e legitimados. A institucionalização e legitimação, por sua vez, requerem alguns mecanismos fundamentais implicados já no planejamento de cobertura – e, portanto, no processo de construção do acontecimento jornalístico –, como a constituição de uma rotina de trabalho, de um saber de procedimento e de uma rede noticiosa.

A análise da relação entre estes mecanismos e o planejamento de cobertura pode ser mais bem compreendida quando se considera que a constituição dessa rotina, desse saber e dessa rede articula alguns elementos como a relação entre as infra-estruturas de produção jornalística disponibilizada pela organização do evento e pelos veículos; o ordenamento do tempo e do espaço; o estilo de planejamento e os recursos de cada veículo; a preparação dos profissionais; o enquadramento dado aos temas; e as interações que se estabelecem entre os atores sociais envolvidos tanto no evento quanto na produção jornalística.

- Interação entre as infra-estruturas disponibilizadas pelo promotor do evento e pela empresa jornalística:

O primeiro aspecto a ser destacado com relação ao planejamento de cobertura diz respeito à necessária interação entre os recursos tecnológicos e materiais, disponibilizados tanto pelos promotores do evento quanto pela empresa jornalística, e o tratamento editorial a ser dado ao evento/acontecimento, ou, como designam os próprios profissionais, a relação entre planejamento logístico e planejamento editorial. No caso do Pan 2007, o planejamento logístico, por parte da organização do evento, envolveu



questões como serviços de transporte oferecido a atletas e jornalistas credenciados; regras de credenciamento; relação entre direitos de transmissão e número de credenciais disponibilizadas; estrutura tecnológica e condições de acesso aos centros de transmissão e de imprensa, dentre outros.

O credenciamento e os direitos de transmissão tornaram-se questões cruciais para a cobertura jornalística dos jogos. Uma empresa contratada pela organização do evento para fazer a cobertura dos jogos deteve os direitos de transmissão, o que significa, por parte das empresas jornalísticas, uma série de regras a serem respeitadas e a necessidade de compra desses direitos. O editor de esportes da Rádio Eldorado, Ari Pereira Júnior, aponta as implicações dessa situação: “Algumas ações da cobertura estão vinculadas a essa compra do direito de transmissão e que vão depender, portanto, do plano comercial da empresa” (citado por TAMASSIA et al., 2007, p. 51).

Por parte das empresas jornalísticas, o planejamento logístico implicou estrutura e acesso à tecnologia de produção, disponibilidade dos recursos financeiros disponíveis para a cobertura e que definiram a quantidade de equipes, suas condições, possibilidades e áreas de atuação – quem fica redação e ou Centros de Imprensa e quem cobre qual ou quais dos locais e competições – hospedagem, alimentação e deslocamento das equipes.

Quando se almeja uma cobertura de qualidade, nenhum detalhe pode passar despercebido. O repórter não pode ficar preocupado com serviço de lavanderia ou de alimentação no hotel, por exemplo. Da mesma forma é inconcebível que seja o profissional a se desdobrar para garantir o acesso à tecnologia de transmissão de informações, seja ela qual for. Todas essas coisas já deverão estar previamente definidas. (FELLIPE citado por TAMASSIA et AL., 2007, p. 23)

O planejamento logístico não resulta apenas de uma negociação entre editores-chefes, profissionais da administração das empresas e responsáveis pela organização do evento; ele exige o envolvimento de profissionais de outras áreas, como de engenharia de telecomunicações, por exemplo, para avaliar as condições de transmissão de sinais de rádio e TV. Todo este trabalho antecede e condiciona o planejamento editorial, quando se dá a definição das pautas e a definição das funções de cada membro da equipe, com especial destaque para os produtores, no caso da televisão. Como explica o editor de esportes da Rede Globo, João Barbosa:



A empresa contratada avisa às demais emissoras sobre quais competições serão transmitidas ao vivo. Por exemplo, eles avisam que vão transmitir oito esportes e dentre eles não está o iatismo, que interessa muito ao Brasil porque as chances de competidores brasileiros ganharem medalhas são muito fortes. Então, nós vamos precisar montar uma estrutura própria e negociar não só a transmissão, mas a possibilidade de compartilhar sinal. A partir dessas possibilidades de transmissão é que se pode discutir a pauta das notícias sobre os jogos. É tudo um acordo. (BARBOSA citado por TAMASSIA et al., 47).

- Instituição de ordem no espaço e no tempo:

Para Tuchman (1978), as próprias condições que marcam o cotidiano do fazer jornalístico - sobretudo a previsibilidade ou imprevisibilidade dos acontecimentos, a notícia como valor e a tirania do fecho - impõem às empresas jornalísticas a necessidade de estabelecer ordem no tempo e no espaço.

A ordem no espaço dá-se, principalmente, por meio da distribuição espacial da rede noticiosa e ancorada em três estratégias fundamentais: a territorialidade geográfica (divisão do espaço em áreas de responsabilidade social); a especialização organizacional (repórteres setoriais que cobrem certas organizações) e especialização temática (editorias). No Pan 2007, essa organização espacial começou pelas questões concernentes à localização e deslocamento dos profissionais entre hotéis, Centros de Imprensa e os locais de realização dos jogos espalhados por várias regiões da cidade do Rio de Janeiro, abrangendo ainda a distribuição das equipes por estes locais e a organização da cobertura por editorias.

A cobertura de um evento como o Pan envolve não só os jornalistas que habitualmente cobrem esportes, mas toda a estrutura jornalística da emissora/veículo. O esporte tem dimensões políticas, econômicas, culturais, sociais, históricas que mobilizam a cobertura para além da competição. A repórter Heleni Fellipe, do jornal O Estado de S. Paulo, exemplifica:

Os jogos envolvem coberturas que não são necessariamente da área de esportes você tem a presença de presidentes e ministros de Estado, de autoridades internacionais, mobilizando a editoria de política. Você tem o aumento do fluxo de turistas e de movimentação do comércio, gerando mais renda; o que é pauta certa para a editoria de economia e assim por diante. (citado por TAMASSIA et al., 2007, p. 30).



Quanto à ordem no tempo, Tuchman (1978.) destaca que as empresas jornalísticas tentam criar uma estrutura de organização do tempo que lhes permita concluir o seu trabalho diário; priorizando assim a cobertura de acontecimentos que se desenrolam durante as horas normais de trabalho. Além disso, a exposição midiática tornou-se tão fundamental para a legitimidade e para visibilidade social das ações dos agentes sociais, e para os acontecimentos, que a temporalidade dos mídias, muitas vezes, se sobrepõe a outras dimensões das temporalidades social e cotidiana, de tal modo que acaba por condicioná-las. Assim, é muito comum, por exemplo, que o estabelecimento da agenda de competições se faça num diálogo estreito com a agenda dos veículos, sobretudo os televisivos. O planejamento temporal da cobertura do Pan 2007 resultou de uma negociação entre a agenda diária de produção e veiculação das notícias em cada meio e a agenda oficial de realização das competições, estabelecida pelos promotores do evento. Torna-se compreensível, portanto, o porquê de todos os veículos considerados nessa análise tenham começado a construir a sua cobertura com, no mínimo, seis meses de antecedência à realização do evento.

- O estilo de planejamento, os recursos de cada veículo e o tratamento dado ao tema:

O planejamento de cobertura é responsabilidade das chefias de redação que trabalham em sintonia com os administradores da organização jornalística na definição dos recursos materiais e financeiros a serem disponibilizados para a produção de notícias sobre o evento/acontecimento. Tal fato evidencia a predominância do centro de produção noticiosa, que dá instruções e orienta a cobertura em função dos requisitos do produto a construir e das normas estabelecidas, isto é, consoante às necessidades de acontecimentos dos jornalistas, mas também ao orçamento da empresa.

A partir das condições definidas pelo centro determinam-se, por exemplo, o número, tamanho e distribuição espacial de profissionais e equipamentos a serem deslocadas para a cobertura; a utilização em maior ou menor escala de serviços de agências de notícias; as possibilidades de entrada ao vivo – no caso das emissoras de televisão. No caso do Pan 2007, acrescentem-se ainda as condições de credenciamento, também já trabalhadas neste texto.

A Rede Globo, que começou a preparação para a cobertura do Pan em março de 2006, contou com cerca de 38 equipes de profissionais – compostas basicamente por



repórteres, operadores e assistentes de câmera – na produção de notícias sobre o evento. De acordo com o editor de esportes da emissora, João Barbosa (citado por TAMASSIA et al., 2007), o trabalho de planejamento envolveu desde a saída dos carros, os equipamentos necessários para a cobertura em cada local, quantas unidades com links para transmissões ao vivo; até quais jogos e competições utilizariam a cabine de transmissão. A emissora pretendia priorizar uma abordagem social do esporte, mas sem prescindir de uma dimensão de espetáculo claramente assumida pelo editor de esporte.

O Jornal esportivo Lance! começou seu processo de planejamento com seis meses de antecedência e mobilizou 20 equipes na cobertura dos jogos; sendo quatro de São Paulo e dezesseis do Rio de Janeiro – o diário tem uma edição para cada um destes dois estados brasileiros. Essa distribuição geográfica das equipes teve implicações no direcionamento temático de cada edição: no período que antecedeu os jogos, a redação paulista se concentrou no levantamento do perfil dos atletas e de informações sobre as modalidades esportivas envolvidas; enquanto a redação fluminense se concentrou na infra-estrutura do evento.

A versatilidade e relativa simplicidade da tecnologia de transmissão radiofônica explicam porque a Rádio Eldorado, que começou seu planejamento de cobertura também com seis meses de antecedência, pretendia cobrir os jogos Panamericanos com uma equipe de apenas quatro pessoas. O número reduzido de profissionais seria compensada, segundo o editor de esportes da emissora, pelo conhecimento resultante da longa tradição da emissora na cobertura de eventos esportivos de grande porte. Segundo Ari Pereira Júnior,

Existe uma planilha de cobertura, um plano que inclui todo o trabalho pré-Pan, com gravação de boletins e programas exclusivos dedicados aos jogos. Além disso, essa planilha prevê, para a cobertura durante a realização dos jogos, possibilidades de flashes a vivo, com resultados das competições, principalmente de esportes coletivos. Planeja-se um estúdio com os apresentadores dos programas transmitindo diretamente do Rio de Janeiro, repórteres, operador de som, para que todo o material informativo seja gerado do local de competição. (citado por TAMASSIA et al., 2007: 51).

No portal de internet Universo On Line (UOL) a preparação começou um ano antes dos jogos. Onze profissionais foram credenciados para fazer a cobertura, que deveria ser marcada por um tom mais crítico e de denúncia sobre a má gestão dos recursos destinados ao evento, às falhas de infra-estrutura no Rio de Janeiro e o



descumprimento de cláusulas contratuais assinadas pelo Comitê Olímpico Brasileiro no momento de definição da sede dos jogos.

Cada veículo deveria considerar ainda as especificidades do suporte e as possibilidades de diálogo entre mídias – facilitado não só pela convergência tecnológica, mas também pela estrutura de propriedade -, no seu processo de planejamento: na televisão, destacam-se o imediatismo e força da imagem; na Internet, a multimídia enriquece e complexifica o planejamento; o impresso precisa compensar a falta de imediatismo com uma abordagem mais qualitativa do evento, explorando outros aspectos para além das competições e conquista de medalhas, por exemplo; e o rádio deveria explorar facilidades tecnológicas para incrementar a diversidade de fontes e de informações/enquadramento.

- A constituição da rede noticiosa

A distribuição da rede noticiosa é fundamental no processo de construção da notícia, porque define os diferentes papéis e lugares de cada um dos agentes nela envolvidos. Importante ressaltar, ainda, que a constituição da rede e a definição destes papéis e lugares dão-se em estrita consonância com a linha editorial do veículo. Daí poder-se dizer que o conhecimento da rede pode indicar o enquadramento e posicionamento ideológico de um veículo frente a um determinado acontecimento.

Molotch e Lester (citados por TRAQUINA, 2001) destacam, na constituição da rede, três categorias de agentes envolvidos e posicionados de maneira diferente perante a organização do trabalho de produção jornalística: promotores, organizadores e consumidores de notícias. Entre os promotores, os autores trabalham ainda com uma distinção entre o executor, que faz o acontecimento e dele participa ativamente, e o informador, que tem o papel de informar os mídias sobre a existência do acontecimento.

No caso em análise neste texto, destacaram-se na constituição da rede noticiosa os promotores primários de notícias, o CoRio e sua assessoria de imprensa, e os organizadores - os vários veículos jornalísticos brasileiros que participaram da cobertura do Pan 2007. O papel determinante desse promotor primário na rede evidencia-se quando se considera que foi o Comitê organizador quem definiu as condições de cobertura dos Jogos, através não só da estrutura dos Centros de Transmissão e Imprensa, mas principalmente do controle de credenciamento dos profissionais



envolvidos na cobertura do evento, além de constituir-se em fonte oficial do evento, por excelência.

Outro aspecto que ressalta a dupla condição de promotor – tanto como executor quanto como informador - do Comitê organizador dos jogos foi a produção e publicação do Guia de Imprensa do PAN, um manual de consulta que entregue a cada jornalista credenciado com todas as informações necessárias para cobrir o evento: agenda e localização das competições, infra-estrutura tecnológica disponibilizada nos centros de mídia, esquema de transporte, segurança e hospedagem dos atletas; informações sobre o histórico e o processo de organização dessa edição dos jogos, dentre outras.

TRAQUINA (2001, p. 69) ressalta que “a extensão da rede noticiosa leva à concentração dos recursos da empresa jornalística num número relativamente pequeno de agentes cuja posição em certas organizações ou instituições particulares valoriza máximo a informação que recebem”. Assim é que o editor de esportes da Rádio Eldorado, por exemplo, explicou que o número reduzido de profissionais não deveria comprometer a qualidade e o potencial de cobertura da emissora, que, por sua tradição jornalística, tem facilidade de acesso a fontes institucionais. Da mesma maneira, todos os outros veículos considerados neste texto apontaram para a prioridade das fontes institucionais no seu planejamento de cobertura pelo fato de serem elas a aglutinar os critérios de autoridade, produtividade e credibilidade, criando aquilo a que TUCHMAN (1978) denomina de rotina do esperado.

- A preparação dos profissionais:

Um outro fator determinante na construção da noticiabilidade dos acontecimentos diz respeito ao repertório de conhecimentos de que os profissionais jornalistas lançam mão no desempenho de suas atividades. Como evidenciam Ericson, Baranek e Chan, citados por TRAQUINA (2001: 83-84), o desempenho competente do trabalho jornalístico implica a aquisição de três saberes: o *saber de reconhecimento*, relativo à capacidade do profissional de reconhecer quais são os acontecimentos que possuem valor-notícia; o *saber de procedimento*, que, relacionado aos conhecimentos que orientam o processo de elaboração da notícia em todas as suas fases e operações necessárias, implica não só a competência para identificação e apuração dos dados e fatos considerados relevantes - tanto social quanto jornalisticamente -, mas também o conhecimento das regras acerca das relações com as fontes; sobretudo aquelas que



dizem respeito à institucionalização que marca essa relação; e o *saber de narração*, o qual consiste na capacidade de mobilizar a linguagem jornalística na construção de uma narrativa coerente e convencionalizada de tal modo que possibilite a imediata compreensão e tipificação do acontecimento por parte da audiência.

Vale ressaltar que tais saberes são construídos cotidianamente na própria atividade jornalística e têm como condição fundamental um processo constante de preparação e aprimoramento do profissional. Em empresas jornalísticas de grande porte e com maior disponibilidade de recursos financeiros, esse aprimoramento não é restrito à iniciativa do profissional, mas resulta, muitas vezes, de investimentos da própria organização. Assim é que emissoras, como a rede Globo, por exemplo, investem em cursos preparatórios para seus repórteres, como aconteceu na Cobertura da Copa do Mundo de 2006, quando os repórteres da emissora escalados para cobrir o evento tiveram cursos prévios do idioma alemão, de história da Alemanha e até de filosofia.

A preparação do profissional relaciona-se ainda com o enquadramento temático definido pela organização para orientar a cobertura do evento. No caso da Rede Globo, como a emissora optou por uma linha editorial que construísse a idéia dos jogos Panamericanos como sendo de todo o País – geralmente faz-se uma associação do evento com a sua cidade-sede, como o PAN de Santo Domingo, realizado naquela cidade da República Dominicana, em 2003 -, o processo de preparação para a cobertura envolveu até mesmo estudos sobre a diversidade cultural brasileira.

Mas, na maioria das organizações jornalísticas, essa preparação é iniciativa do profissional e se faz de maneira informal e decorrente da própria vivência na cobertura setorizada: o acesso a outros veículos de informação, a pesquisa constante e o contato com outros colegas e mesmo com as fontes, foram os mecanismos de preparação apontados pela maioria dos representantes dos veículos analisados.

Considerações Finais

Os mecanismos e atividades acima trabalhados apontam para o planejamento de cobertura como um momento privilegiado de construção de um acontecimento esportivo programado como acontecimento notícia, não apenas pela relevância sócio-cultural e econômica do esporte, mas também porque estabelece parâmetros de ação que orientam o fazer jornalístico. Evidencia-se, portanto, que a noticiabilidade contemporânea pressupõe e requer, cada vez mais, um elevado grau de integração e consonância entre o



acontecimento e as condições tecnológicas, financeiras, profissionais e editoriais que marcam o cotidiano do fazer jornalístico.

Finalmente, pode-se perceber que o acontecimento jornalístico também é construído de modo previsível e programado e que articula uma série de rotinas profissionais – dentre as quais o planejamento de cobertura –, que, no dizer de Fontcuberta (citada por GADINI, 1994), podem ser definidas como “uma série de atuações dos meios de comunicação que regulam e determinam o exercício profissional a partir de fatores que nada têm a ver com a importância intrínseca dos fatos ou a sua atualidade”.

Referências Bibliográficas

- GADINI, S. L. *Jornalismo e acontecimento: a produção de Sentido no discurso da informação*. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1994.
- TAMASSIA, C., SAMPAIO, F., CARVALHO, H. e SOUZA, T. *Maratona da Imprensa – A mídia por trás do Pan – Relatório de Trabalho de Graduação Interdisciplinar*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.
- TRAQUINA, N. *O Jornalismo Português em Análise de Caso*, Lisboa: editorial Caminho, 2001.
- TUCHMAN, G. (1978). *Making News: A Study in the Construction of Reality*, Nova Iorque: The Free Press, 1978.